

**Benedicta Stahl Sodré e sua proposta de alfabetização rápida: em foco a
*Cartilha Sodré***

Benedicta Stahl Sodré and her proposal for rapid literacy: focusing on the Sodré Primer

Ana Raquel Costa Dias*

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar os decursos históricos alusivos aos períodos de criação, circulação e adoção do livro *Cartilha Sodré* (1939/1940), escrito por Benedicta Stahl Sodré. A problemática fundamenta-se no prestígio e reconhecimento que caracterizou e ainda qualifica essa cartilha, destinada ao ensino da leitura e da escrita inicial de crianças brasileiras nas primeiras décadas do século XX. A autora, nascida no interior do estado de São Paulo, normalista, professora e filha de imigrantes alemães, produziu outros materiais didáticos concomitantemente à cartilha, como livros de leitura, no entanto, a cartilha foi selecionada como foco desta escrita científica, considerando sua popularidade e renome. Como precaução metodológica, utilizou-se indícios registrados na própria cartilha e na imprensa periódica. O prestígio da *Cartilha Sodré*, a posição ocupada em investigações acadêmicas no campo da alfabetização e o protagonismo na imprensa periódica é uma inquietação pertinente para a historiografia educacional. Do mesmo modo, compreende-se impressos pedagógicos e seus usos escolares como fontes substanciais para os estudos na história da alfabetização e na história da educação. Conclui-se que a cartilha atendia as necessidades sociais, políticas e econômicas de uma época. Ademais, entende-se a produção intelectual supracitada como denunciante da vida de uma mulher alfabetizadora.

PALAVRAS-CHAVE: Benedicta Stahl Sodré. *Cartilha Sodré*. Século XX. História da Alfabetização.

ABSTRACT: The purpose of this article was to present the historical developments related to the periods of creation, circulation, and adoption of the book *Cartilha Sodré* (1939/1940), written by Benedicta Stahl Sodré. The issue of this paper is based on the prestige and recognition that characterized and still qualifies this primer, intended for the initial reading and writing instruction of Brazilian children in the early decades of the 20th century. The author, born in the state of São Paulo, a teacher and daughter of German immigrants, produced, alongside the primer, other educational materials such as reading books; however, the primer was selected as the focus of this scientific writing, considering its popularity and renown. As a methodological precaution, clues recorded in the primer itself and in the periodical press were used. The prestige of *Cartilha Sodré*, its position in academic investigations in the field of literacy, and its prominence in the periodical press are relevant concerns for educational historiography. Similarly, educational prints and their school uses are understood as substantial sources for studies in the history of literacy and education. It is concluded that the primer met the social, political, and economic needs of its time. As well, the aforementioned intellectual production is understood as revealing the life of a woman literacy teacher.

KEYWORDS: Benedicta Stahl Sodré. *Cartilha Sodré*. 20th Century. History of Literacy.

1 Sobre Sodré: produtora e produção

A cartilha de alfabetização ocupou, durante séculos, lugar central no processo de aprendizagem da cultura escrita, a ponto de aparecer, para além das memórias das pessoas comuns, também na ficção, como na história da vida de Tarzan, que, segundo o autor, numa tarefa extraordinária de análise, aprendeu a ler sozinho em meio à floresta africana, por meio de uma cartilha que sobreviveu por anos às tragédias da família. É comum vermos as pessoas se emocionarem quando se lembram de seus processos de alfabetização e de suas cartilhas. Este objeto da cultura escolar parece se configurar num catalisador de lembranças de um momento crucial na vida das pessoas: a conquista da cultura escrita. Se a mera alusão à cartilha desencadeia vivências escolares e emoções antigas, é lícito supor que o estudo deste objeto tem potencial importante para a historiografia da alfabetização (Cardoso; Amâncio, 2018, p. 55).

Este trabalho objetiva apresentar algumas características relacionadas à produção, circulação e adoção da *Cartilha Sodré* (1939/1940), material didático de autoria de Benedicta Stahl Sodré (1900-1972). A justificativa da proposta faz-se na problematização de uma das cartilhas mais comercializadas e difundidas no século XX em todo território nacional. Nessa perspectiva, considera-se a cartilha investigada como um impresso escolar, uma fonte histórica e um livro de alfabetização produzido por uma educadora e que possui características que lhe são próprias. Sobretudo, como apontado por Frade e Maciel (2003, p. 2), a cartilha produzida por Sodré pode ser representativa de práticas editoriais e ideários pedagógicos, e, “[...] historicamente, vem se constituindo como primeira via de acesso à cultura do impresso, uma vez que, em nossa sociedade, grande parcela da população aprende a ler dentro do espaço escolar, e a cartilha é o primeiro livro a que os alunos têm acesso”.

Refletir historicamente sobre uma escrita, significa compreender a ausência da ingenuidade e da neutralidade. Cabe construir uma trajetória de questionamentos na relação com a fonte, compreendendo, inclusive, que em meio às ilustrações, rimas, frases, histórias, cores, questões como quem fala, de onde fala e por que fala precisam ser consideradas. Dias (2018, p. 57) nos explica a existência de contradições na dinâmica da produção e da leitura, pois “[...] o tempo e o espaço – o contexto – interferem nas perspectivas, nas relações e nos motivos que caracterizam os textos e seus discursos, e no modo de apropriação que entendimentos diversos são construídos”.

Nossa proposta fundamenta-se inicialmente em compreender a produção de Sodré como “[...] um objeto permeado por uma diversidade de aspectos técnicos, materiais, comerciais, sociais, culturais, políticos e educacionais” e que pode revelar “[...] informações

como tendências metodológicas de um determinado período, através das questões ideológicas que carrega” (Lepick; Cunha; Moraes, 2018, p. 188).

Isto posto, o escopo apresentado se insere no aporte historiográfico da História Cultural, que possui limitações como qualquer arcabouço teórico, mas que permite inspirar e considerar “[...] o trabalho em prol da cultura, dos significados partilhados, da história problematizadora, da diversidade de fontes, da interdisciplinaridade, da força da representação, do imaginário, da narrativa, da ficção e das sensibilidades” (Dias, 2023, p. 34).

Ainda assim:

Não parece haver consenso entre os autores a respeito dos contornos da história cultural e de suas opções teórico metodológicas. Todavia, todas são unânimes em admitir que a história, a partir das discussões advindas dos estudos culturais, é uma forma de interpretação que questiona sua própria objetividade. Isso faz com que os temas tradicionais se diversifiquem com a inclusão de aspectos menos universais advindos da chamada metahistória, ou da história dos grandes eventos. A historiografia contemporânea indaga sobre sua própria escrita e opta por privilegiar temas microscópicos, indícios que podem abrir significados menos sujeitos ao questionamento de sua própria subjetividade (Capel; Dias, 2016, p. 9).

Ao utilizar a perspectiva teórica e metodológica mencionada para refletir sobre um impresso escolar, no caso, uma cartilha destinada ao ensino da leitura e escrita inicial, é possível deparar com a articulação entre discursos e práticas, proposta por Chartier (2009). Nesse sentido, “[...] a alfabetização e seus instrumentos de realização, incluindo a cartilha, têm, nesse campo de estudos, a possibilidade de serem abordados de diversas formas e de diferentes ângulos, a exemplo da história da leitura e do livro [...]” (Cardoso; Amâncio, 2018, p. 55).

Segundo Lima e Fonseca (1999, p. 205), é sobretudo oportuno compreender os impressos escolares como lugares de memória, especialmente de memória nacional “[...] e como formador de identidades, evidenciando saberes já consolidados, aceitos socialmente como as ‘versões autorizadas’ da história da nação e reconhecidos como representativos de uma origem comum”.

Nesse cenário, inicialmente apresenta-se Benedicta Stahl Sodré, a autora do livro investigado, e, posteriormente, a *Cartilha Sodré*, fonte histórica, artefato cultural, impresso escolar, objeto editorial multifacetado, instrumento de veiculação de valores e intencionalidades inserido em conjunturas políticas, econômicas, sociais e culturais.

2 A professora primária de Ribeirão Bonito (São Paulo): Benedicta Stahl Sodré¹

Protótipo das valorosas professoras primárias paulistas de outros tempos, boníssima e culta, Benedicta Sodré faz parte do panteão dos grandes educadores bandeirantes. Está a merecer o reconhecimento de Piracicaba, a cidade em que, meninota e no início da idade adulta, hauriu o que de melhor havia em matéria de ensino e aprendizagem às crianças (Pfromm Netto, 2013, p. 516).

O trecho supramencionado foi retirado de um verbete biográfico dedicado a Benedicta Stahl Sodré e registrado no *Dicionário de Piracicabanos*. Samuel Pfromm Netto (2013, p. 13), o autor do verbete e do livro em questão, explica que o dicionário conta com cerca de dois milhares de verbetes de pessoas falecidas e boa parte pertencentes “[...] a troncos tradicionais de famílias piracicabanas”. Os verbetes apresentados no dicionário são, em sua maioria, dedicados a enaltecer e apresentar homens paulistas, ocupantes de diferentes cargos públicos e privados, que tiveram alguma relação pessoal ou profissional com a cidade de Piracicaba. O verbete de Sodré se destaca por apresentar uma mulher professora dentre milhares de homens ilustres, forte característica das escritas biográficas.

Algumas passagens da citação merecem destaque, a começar pelo elogio de valorosa professora primária paulista, boníssima, culta e pertencente ao panteão dos grandes educadores bandeirantes. É interessante observar a ênfase a uma mulher que ganhou destaque entre homens que, ao que tudo indica, são os personagens protagonistas da história da educação da cidade. A palavra educadores ao invés de educadoras endossa a ideia. Por fim, o autor registrou: “[...] hauriu o que de melhor havia em matéria de ensino e aprendizagem às crianças” (Pfromm Netto, 2013, p. 516), ao mesmo tempo enaltecendo a cidade de Piracicaba e sugestionando que Benedicta soube aproveitar os subsídios intelectuais que a cidade oferecia e, portanto, assimilou os conhecimentos necessários para se tornar a educadora que foi.

Considerando o recorte temporal, ao mencionar as expressões “professoras primárias paulistas” e “educadores bandeirantes”, o escritor rememora uma concepção advinda do valor pertencente às normalistas e a ideia de missão civilizadora. Nesse sentido, Sá (2009, p. 568) explica que nesses tempos:

[...] os normalistas paulistas receberam a alcunha de bandeirantes. Isto porque o sistema escolar modelar criado pelos governantes do estado de São Paulo, era difundido pelo país através, principalmente, de empréstimo de

¹ Para melhores estudos sobre a biografia histórica de Benedicta Stahl Sodré, sugerimos a leitura de Dias (2023).

professores, que, em prol da civilização e do progresso, seguiram em missão para diferentes localidades, “como no tempo das bandeiras”, com a finalidade de divulgar e implantar a escola graduada, peça fundamental desse sistema de educação pública.

A análise em questão, concernente à conhecida Primeira República, corrobora a história de vida de Benedicta Stahl Sodré, uma educadora, mulher branca, nascida, segundo o *Registro de Nascimento*, em 17 de agosto de 1900 na cidade de Ribeirão Bonito, localizada a 288km da capital São Paulo. O documento ainda registra que a normalista foi filha legítima de imigrantes alemães: Guilhermina Catarina Elizabeth Von Landgraf Stahl e Alfredo José Stahl. A professora do interior de São Paulo casou-se com o também professor Abel de Faria Sodré e teve três filhas: Hertha, Chlórís e Isis. A autora da *Cartilha Sodré* (1939/1940), objeto de pesquisa deste escrito científico, segundo Pfromm Netto (2013):

[...] faz parte do pequeno grupo de velhas cartilhas que, nas mãos dos professores primários do passado, mais contribuíram para a alfabetização do povo brasileiro, juntamente com as cartilhas de Thomaz Galhardo, Antônio Firmino Proença, Mariano de Oliveira, Lourenço Filho e a cartilha *Caminho Suave*, de Branca Alves de Lima (1949). O êxito alcançado pela *Cartilha Sodré* no início dos anos quarenta animou sua autora a publicar toda uma coleção de livros de leitura, a “Coleção Sodré”, cujas primeiras edições saíram com o selo da Livraria Liberdade: *Primeiras lições úteis ou Primeiro Livro Sodré* (1940), *Segundo Livro Sodré* (1941), *Terceiro Livro Sodré* (1946) e *Quarto Livro Sodré* (1946). Em meados do século, a *Cartilha Sodré* atingiu sua 104ª edição, um feito raramente alcançado no mundo inteiro por qualquer outra obra de cunho didático (Pfromm Netto, 2013, p. 516).

A trajetória estudantil e a atuação profissional de Benedicta Stahl Sodré ocorrem em um período com significativas discussões educacionais e sociais em todo território nacional. A instrução da época, reorganizada e repensada, foi tratada como o caminho modelar para o projeto civilizatório almejado. Segundo Almeida (2014), liberais republicanos atribuíam à escola, ao magistério e à educação a responsabilidade de combater os males sociais e equalizar oportunidades. Nesses tempos, cresceram a quantidade de escolas normais e o ensino primário, de modo que a carreira escolhida por Benedicta, o magistério,

[...] representou praticamente a única carreira aberta às mulheres, apesar de algumas também procurarem pela enfermagem. O fato de não terem amplo acesso às demais profissões fez do magistério a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do trabalho do lar. Mantinha-se, pois, a ordem social vigente, e as mulheres que reivindicavam por educação teriam uma escola que lhes proporcionaria isso e ainda forneceria um diploma que lhes permitiria sustentar-se em caso de necessidade. A oferta de recursos humanos para o ensino primário que se expandia estava assegurada, e os

lares não sofreriam a ausência feminina, pois cuidar de crianças e educá-las era o destino que se esperava que fosse cumprido. Alicerçava-se assim o ideário proposto e se perpetuava a tradição (Almeida, 2014, p. 72).

Mendes (2007) assegura que Sodré realizou seus estudos primários em sua cidade natal, concluindo-os em 1910. Possivelmente, a produtora da *Cartilha Sodré* frequentou o Grupo Escolar de Ribeirão Bonito (*Anuario de Ensino do Estado de São Paulo*). Sobre esse tipo de instituição educacional, Souza (2014) esclarece que se tratava de um empreendimento republicano de modernização educacional que possuía uma enorme relevância na profissionalização do magistério primário, especialmente na construção da identidade docente.

Segundo Motin (2017), a educadora realizou seus estudos posteriores no Colégio Metodista Piracicabano e na Escola Normal Sud Mennucci. O Colégio Piracicabano é considerado a primeira instituição metodista do Brasil, com um projeto político pedagógico alicerçado nas normativas da Igreja Metodista. Tratou-se de uma instituição educacional destinada a atender a nata da elite local e que possuía uma representatividade política, pedagógica e religiosa, apoiada por homens que almejavam encabeçar o projeto republicano em voga.

Sua fundação ocorreu em 1884, através do trabalho de imigrantes norte-americanos. Na época, a cidade de Piracicaba, em São Paulo, contava com cinco escolas públicas destinadas a estudantes de ambos os sexos e sua população ultrapassava os quinze mil habitantes, nos quais um terço era composto por pessoas escravizadas (Vieira, 2011).

Mendes (2007) assevera que, com aproximadamente quatorze anos de idade, Benedicta Sodré já lecionava aulas particulares e, ainda jovem, fundou uma Escola Dominical. Em 1919, aos dezenove anos, formou-se na Escola Normal de Piracicaba, também conhecida como Escola Normal Sud Mennucci. De acordo com Giácomo (2016), tal espaço representava o berço de uma dada cultura, afinada com os ideais insurgentes da República.

Na organização de uma instituição dominical, Benedicta propôs relacionar educação e religiosidade, promovendo estudos sobre as escrituras sagradas, que é uma característica desse tipo de espaço, além de tal atividade ser endossada por sua crença. Consta na imprensa periódica consultada que, nessa mesma cidade e ano, logo no mês de janeiro, Sodré foi aprovada em primeiro lugar no concurso para trabalhar na Escola Mista de Sampaio Vidal (*Correio Paulistano*, 1920).

Ainda sobre sua passagem no magistério, o *Correio Paulistano* (1930, p. 11) registrou: “[...] professora da 2.a escola mista, urbana, do Centenário, em S. Carlos [...]”. Nessa instituição, Benedicta, qualificada como mulher sábia e professora distinta, trabalhou também como diretora, e teve sua atuação caracterizada como educadora que doutrinava os pequenos com carinho e devotamento. Fontes advindas da imprensa periódica revelam também que a educadora viveu em diferentes municípios do estado de São Paulo, de modo que os deslocamentos migratórios internos marcaram sua trajetória estudantil e profissional.

A partir dessa conjuntura, vale reiterar que o espírito de modernização republicana, conferido a diferentes setores da sociedade, foi vivenciado no âmbito educacional experienciado por Benedicta Sodré. A presença da educadora em escolas mistas, espaços caracterizados por Melo (2021) como permeados por ambiguidades nos discursos e ações, denuncia outras possibilidades referentes à educação primária no Brasil República:

Havia de um lado os grupos escolares, com turmas separadas por gênero, arquitetura monumental, corpo docente definido, ensino simultâneo, progressivo e seriado, curso primário completo; do outro lado, escolas mistas espalhadas pelo estado, avigorando-se em atender meninos e meninas em um mesmo espaço físico, multisseriadas, que ofereciam os primeiros anos do ensino primário, previstos nos programas de ensino. [...] A instrução primária nacional da primeira metade do século XX não foi feita somente por grupos escolares urbanos, em seus edifícios admiráveis, mas ocorreu sobretudo em outros tipos de escola (Dias, 2023, p. 214-215).

Em comemoração ao primeiro centenário do ensino normal de São Paulo, a Comissão Central Executiva realizou uma exposição de livros e materiais de vários professores e professoras desse ensino. O anúncio de 1946 traz o nome de Benedicta como uma das professoras lembradas, ao lado de outras como Haydée Bueno de Camargo, Saturnina de Almeida Fagundes, Marina Tricanico, Isabel Vieira de Serpa e Paiva e Maria de Lourdes Calazans (Jornal de Notícias, 1946). Sua atuação profissional ainda se estendeu por outras cidades de São Paulo, como Cabrália, Ipaucu, Elias Fausto e no Grupo Escolar Coronel Paulino Carlos, em São Carlos (Pfromm Netto, 2013).

De acordo com a *Guia de Sepultamento*, Benedicta faleceu em 23 de agosto de 1972, em casa, na rua Dona Alexandrina, 1260, na cidade de São Carlos, aos setenta e dois anos de idade. O declarante do óbito foi seu genro, Jácomo Vergamini. Benedicta morreu de neoplasma da mama e seu corpo encontra-se enterrado no cemitério de Nossa Senhora do Carmo, localizado nesse mesmo município.

A mestra, em 1964, foi homenageada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e, no mesmo ano, recebeu o título de Cidadã Honorária de São Carlos. Alguns anos posteriores, após sua morte, por intermédio do *Decreto nº 116, de 20 de dezembro de 1976*, o nome da educadora também foi atribuído a uma das vias públicas da cidade de São Carlos, em São Paulo. Ademais, o CEMEI Benedicta Stahl Sodré, localizado no Jardim Beatriz, também na cidade de São Carlos, leva o nome da autora. Outra iniciativa foi a *Lei nº 16.824, de 21 de outubro de 2013*, aprovada pela Câmara Municipal de São Carlos, que instituiu os prêmios “Professor João Jorge Marmorato” e “Professora Benedicta Stahl Sodré” respectivamente ao “Professor do Ano” e “Professor Emérito do Ano”.

3 A Cartilha Sodré (1939/1940) e o processo de “Alfabetização Rápida”

Figura 1 – Cartilha Sodré (Capa; Folha de rosto) – 1945 [42ª edição]. Autora: Benedicta Stahl Sodré



Fonte: Acervo particular da autora.

A cartilha desenvolvida por Benedicta Stahl Sodré faz parte de um grupo de livros de alfabetização que, conforme explica Mortatti (2000), basearam-se predominantemente em métodos mistos ou ecléticos, herança dos testes ABC elaborados por Lourenço Filho e que

objetivavam medir o nível de maturidade necessário para o aprendizado da leitura e da escrita de modo eficaz e rápido. Sobre isso, a pesquisadora esclarece:

Observa-se, no entanto, embora com outras bases teóricas, a permanência da função instrumental do ensino e aprendizagem da leitura e escrita, entendidas como habilidades visuais, auditivas e motoras; e começaram a ser produzidos os manuais ou guias do professor acompanhando as cartilhas, assim como se disseminou a ideia da necessidade de “período preparatório” (Mortatti, 2000, p. 83)

No que concerne à data de publicação da primeira edição da cartilha escrita por Benedicta, é possível identificar fontes que datam o ano de 1939 (Mendes, 2007; Motin, 2017) e outras que alegam ter sido em 1940, como constam nas informações do Centro de Memória e Acervo Histórico Mario Covas e no catálogo *online* da Biblioteca Nacional. Diante da incerteza sobre o ano oficial, neste escrito científico, assume-se as duas datas.

Consoante ao citado anteriormente, a autora paulista produziu, além da *Cartilha Sodré*, livros de leitura (1º ao 4º). Esses livros, segundo Bittencourt (1993), referem-se a um tipo específico de leitura destinado ao público infantil, que circularam em abundância em fins de século XIX e início do século XX, cujo o objetivo era priorizar e incentivar o processo da leitura. Intitulados assim, os livros de leitura deveriam discutir conhecimentos variados, evidenciando valores patrióticos, civis e morais, bem como, obrigatoriamente, precisariam estar de acordo com os programas de ensino vigentes.

Todas as produções de Sodré pertencentes à chamada “Coleção Sodré” possuem registro na Biblioteca Nacional como propriedade da autora, direitos reservados nos termos do Código Civil. Alguns jornais das primeiras décadas do século XX costumavam noticiar sobre as obras registradas na biblioteca, reiterando as aprovadas pelo governo, bem como os atos normativos do âmbito da educação do país. A autorização governamental exposta evidencia a influência política no campo educacional e editorial, mostrando produtora e produção devidamente adequadas às exigências legais da época. Assim sendo:

Atender à legislação imposta revelou não somente um material didático em acordo com a normativa educacional, mas uma obra em conformidade com as ordens políticas daquele momento histórico, indicando o que poderia ou não ser dito, ou melhor, ensinado. Obter a autorização legal também significou atender valores, posições, visões sociais e principalmente ordens influenciadoras. Ou seja, é ingênuo enxergar um material didático, seja um livro de leitura, compêndio, cartilha, como um artefato voltado exclusivamente para o ensino escolar com seus conteúdos e objetivos. São produções históricas, que carregam intencionalidades e mobilizam ambições de diferentes setores, desde quem produz até aqueles que compartilham e

promovem. Estamos dizendo que a *Cartilha Sodré* carregou tanto as intenções de Benedicta, como dos grupos políticos que possuíam algum interesse com sua escrita. A questão aqui não se refere à necessidade do uso, no nosso caso, da cartilha no processo de alfabetização, mas distingui-la, assim como qualquer outra cartilha, como produto multifacetado, inserido em um contexto de disputas sociais e políticas. [...] Credulidade maior é acreditar na aprovação de uma cartilha de alfabetização, por parte do governo federal, considerando suas ilustrações idílicas e infantis, e esquecer que, ao lado das lições e ensinamentos, existiam relações de poder com seus interesses e os desejos de utilizar materiais didáticos no ensino primário como modo de propagação e defesa de regimes políticos. A relação entre educação e poder sempre foi tema apeteável e a sagacidade está no uso do livro e da escola como instrumentos de controle. Questionamos se a aprovação e a adoção da cartilha de Benedicta ocorreu por se tratar de uma escrita que não ameaçava o governo vigente (Dias, 2023, p. 238).

A Figura 1 expõe alguns detalhes da 42ª edição da cartilha investigada, publicada em 1945, cujos os dados registrados na folha de rosto revelam a comercialização do material. Em um período de cinco anos, Benedicta havia elaborado mais de quarenta edições da cartilha. A expressão convidativa “Alfabetização Rápida” instiga o público pesquisador em relação à importância da leitura e da escrita no Brasil republicano, nesse caso, no pós-1937, marcado pela efetivação de um governo caracterizado pela centralização do poder, pelo nacionalismo e pelo autoritarismo. Nesse contexto, fez-se presente um projeto claro de nação que exigia livros com processos rápidos e eficientes. No tocante a essa conjuntura, Mortatti (2006) explana que era necessário preparar as novas gerações com base nas utopias da modernidade e, por conseguinte, o esclarecimento das massas iletradas e, portanto, o saber ler e escrever era indispensável.

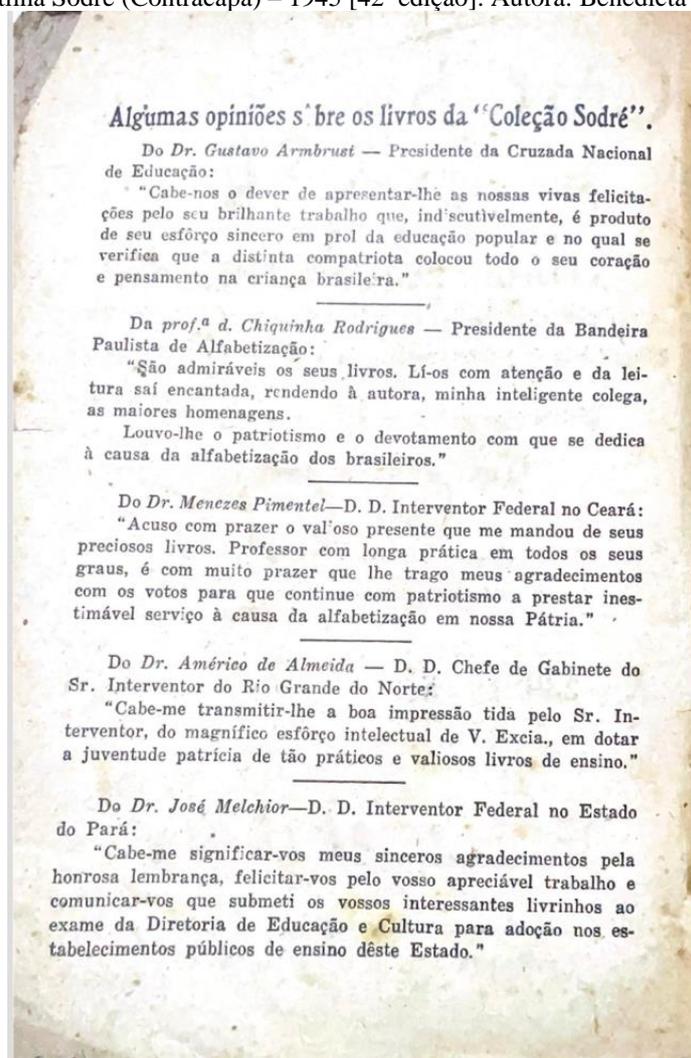
As edições da *Cartilha Sodré* apresentam, logo no início, uma espécie de orientação dividida em sete partes, com um passo a passo sobre o uso do processo explanado no material. As explicações foram redigidas por Benedicta e seu esposo, Abel Sodré, que também foi professor e atuou em alguns grupos escolares paulistas.

Nas contracapas da cartilha², encontram-se registrados relatos (Figura 2) do Dr. Gustavo Ambrust – Presidente da Cruzada Nacional de Educação, da Profa. D. Chiquinha Rodrigues – Presidente da Bandeira Paulista de Alfabetização, do Dr. Menezes Pimentel – D.D. Interventor Federal no Ceará, do Dr. Américo de Almeida – D.D. Chefe de Gabinete do Sr. Interventor do Rio Grande do Norte e do Dr. José Melchior – D.D. Interventor Federal no

² Para a produção deste escrito, foram analisadas diferentes edições da *Cartilha Sodré*, com foco na 42ª, 45ª, 66ª, 254ª e 269ª edição. Considerou-se o acervo particular da autora e o dossiê documental disponibilizado pelo Centro de Memória e Pesquisa Histórica da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Estado do Pará. Observa-se origens regionais distintas e ocupações laborais diversas, validando a ideia de um material que circulou e foi difundido e socializado em várias localidades brasileiras.

Figura 2 – Cartilha Sodré (Contracapa) – 1945 [42ª edição]. Autora: Benedicta Stahl Sodré

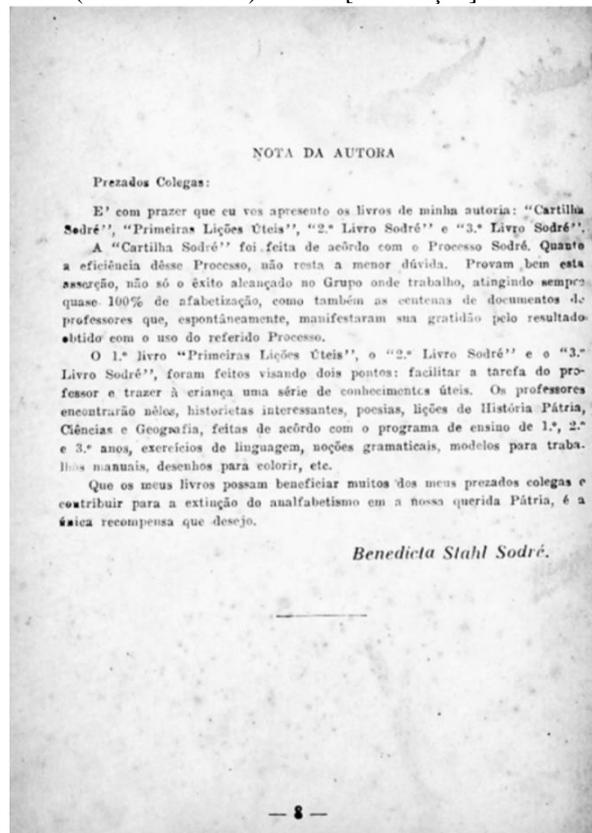


Fonte: Acervo particular da autora.

As opiniões versam não somente a despeito da cartilha, mas também sobre outros livros produzidos por Sodré. Produtora e produções são apreciadas, elogiadas, em um movimento de reconhecimento, anuência e legitimidade, de modo a enfatizar o discurso de louvor à pátria e o ufanismo. As personalidades mencionadas, como Chiquinha Rodrigues, mulher militante que atuou na educação pública brasileira, e Menezes Pimentel, político ocupante de diferentes cargos, sinalizam que os discursos selecionados para serem expostos nessa edição da *Cartilha Sodré* foram previamente pensados, ambicionando atender

demandas e disputas. Não poderia ser diferente, visto a indispensabilidade de aprovação do governo para se utilizar um impresso didático.

Figura 3 – Cartilha Sodré (Nota da Autora) – 1947 [45ª Edição]. Autora: Benedicta Stahl Sodré



Fonte: Laboratório de Ensino e Material Didático – USP.

Na Figura 3, observa-se na seção “Nota da Autora” algumas características e propósitos, como a concepção de amor à pátria: “Que os meus livros possam beneficiar muitos dos meus prezados colegas e contribuir para extinção do analfabetismo em nossa querida Pátria, é a única recompensa que desejo” (Sodré, 1947, p. 8), além da constituição de um material didático que auxiliasse professoras(es) nos ensinamentos da alfabetização e a preocupação com a extinção do analfabetismo no Brasil. Ou seja,

[...] o convencimento de uma alfabetização rápida, praticado através de um Processo, iniciado em letra maiúscula, o “Processo Sodré”, foi apresentado por Benedicta Stahl como metodologia inquestionável no trabalho de alfabetização, atingindo uma porcentagem quase absoluta de sucesso. Para fundamentar e defender sua alegação, a autora utilizou sua experiência profissional em um possível grupo escolar, bem como documentos elaborados por outros professores, que manifestaram satisfação com o processo (Dias, 2023, p. 274).

No que compete à comercialização, segundo dados do Centro de Memória e Acervo Histórico Mario Covas, a *Cartilha Sodré* chegou a ter trezentos mil exemplares por edição, com vendas sempre esgotadas. Conforme dados da Editora Nacional, de 1948 até 1989, data da última edição, a 273^a, foram produzidos mais de seis milhões (6.060.351) de exemplares. Segundo a revista *Nova Escola* (1996), a cartilha de Benedicta teve trinta milhões de exemplares vendidos desde sua primeira edição. Benedicta Stahl Sodré dedicou sua prestigiada cartilha às suas filhas, Hertha, Chloris e Isis, homenageando seu saudoso esposo Abel.

4 Considerações finais

Este texto objetivou apresentar algumas informações sobre a *Cartilha Sodré* (1939/1940), artefato da história da educação brasileira, considerando, em especial, dados sobre sua circulação, adoção e comercialização. As fontes apontam que a criação de Benedicta foi nacionalmente socializada e utilizada em diferentes ambiências educacionais. Os milhares de exemplares vendidos revelam indícios sobre um processo voltado à aprendizagem da leitura e da escrita inicial que deu certo, foi aceito e se impôs perante diferentes conjunturas e demandas.

Considera-se substancial refletir sobre o papel de uma mulher educadora, ocupante da vida privada e pública, que, em períodos de censura e perseguição, alcançou recordes de venda de sua principal criação. A fama da *Cartilha Sodré* caminha na contramão da subalternidade atribuída ao mundo feminino e serve de testemunho para entender as relações e intentos de sua autora. Ao nos aproximar dos propósitos da cartilha, observamos que o produto final atendia o tempo histórico vigente e possuía peculiaridades do ensino da leitura e da escrita iniciais, assim como as idealizações previstas nos programas de ensino voltados para crianças.

O prestígio da escrita de Benedicta relaciona-se com uma proposta que assegurou uma aprendizagem útil e eficiente para as necessidades da época. A cartilha investigada, fonte histórica em razão de carregar e responder a intencionalidades exteriores, colocando-se como produto de exigências, ao ser aprovada e divulgada, encaixa-se em um projeto nacional e civilizador que vigorou na primeira metade do século XX.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval *et al.* (org.). **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28062019-175122/pt-br.php>. Acesso em: 08 jun. 2024.

CAPEL, Heloisa Selma Fernandes.; DIAS, Ana Raquel Costa. Estudos Culturais e História da Educação: trajetórias e confluências. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 7–25, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/64315>. Acesso em: 08 jun. 2024.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski.; AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. Cartilhas na historiografia da alfabetização: fontes, evidências e produções no Brasil. In: SANTOS, Sônia Maria dos. ROCHA, Juliano Guerra. (orgs.). **História da alfabetização e suas fontes**. Uberlândia: EDUFU, 2018.

CHARTIER, Roger. (org.). **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CORREIO PAULISTANO. **Instrução Publica**. São Paulo, nº 23783, 08 fev. 1930, p.11. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 08 jun. 2024.

CORREIO PAULISTANO. **Notícias do interior: S. Carlos**. São Paulo, no 23730, 07 dez. 1929. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 08 jun. 2024.

CORREIO PAULISTANO. **Provimento de escolas. Resultado do concurso do mez de dezembro ultimo**. São Paulo, nº 20302, 09 jan. 1920, p. 06. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 08 jun. 2024.

DIAS, Ana Raquel Costa. **Biografias de Mulheres na História da Educação: Benedicta Stahl Sodré, Branca Alves de Lima e Iracema Furtado Soares de Meireles (Século XX)**. 2023. 391 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/13184>. Acesso em: 08 jun. 2024.

DIAS, Ana Raquel Costa. **Passeando pelos Arredores: o Ensino de História para crianças no livro *Goiaz Coração do Brasil* (1934)**. 2018. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8631>. Acesso em: 08 jun. 2024.

GIÁCOMO, Márcia Scarpari De. **Escola Normal de Piracicaba (1913-1945): Patrimônio Estético-Cultural**. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Biociências,

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro - São Paulo, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/144385>. Acesso em: 08 jun. 2024.

JORNAL DE NOTÍCIAS. **1º Centenário do Ensino Normal de São Paulo**. São Paulo, nº 136, 24 set. 1946, p. 02. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 08 jun. 2024.

LEPICK, Vanessa; CUNHA, Tânia Rezende Silvestre; MORAES, Andréia Demétrio Jorge. A história da cartilha como objeto da cultura material escolar: um percurso metodológico. *In*: SANTOS, Sônia Maria dos; ROCHA, Juliano Guerra. (orgs.). **História da Alfabetização e suas fontes**. Uberlândia: EDUFU, 2018.

LIMA E FONSECA, Thais Nívia de. O livro didático de História: lugar de memória e formador de identidades. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 1999, Florianópolis. História: fronteiras. **Anais** [...]. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP/ANPUH, 1999. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/21-snh20?start=20>. Acesso em: 08 jun. 2024.

MELO, Clarice Nascimento de. Escola mista nos primeiros anos da República: das Escolas Isoladas aos Grupos Escolares (Pará/Brasil, 1890-1901). **Cadernos de Educação**, v. 20, nº 05, p.1-15, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v20-2021-5>.

MENDES, Elieth Sodré Terence. **Benedicta Stahl Sodré: Mulher Protestante na Educação Brasileira**. 2007. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25663>. Acesso em: 08 jun. 2024.

MORTATTI, Maria do Rosario. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *In*: MORTATTI, Maria do Rosario. **Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. **Alfabetização e Letramento em debate**. MEC, 2006.

MOTIN, Mara Francieli. Coleção Sodré: entre fórmulas editoriais e indícios de um modelo escolar (1950- 1970). *In*: XIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 2017, Curitiba/PR. **Anais** [...] Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2017. Disponível em: <https://eventum.pucpr.br/educere/outras3>. Acesso em: 08 jun. 2024.

NETTO, Samuel Pfromm. **Dicionário de Piracicabanos**. São Paulo: PNA, 2013.

NOVA ESCOLA. **Cartilha: Campeã nas salas de alfabetização, ela se transforma com o construtivismo**. São Paulo, ano XI, no 97, out. 1996, p.08.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Falecimentos**. São Paulo, 29 ago. 1972, p. 19. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/>. Acesso em: 08 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS. **Decreto nº 116, de 20 de dezembro de 1976**. Oficializa o nome de Benedicta Stahl Sodré para via pública da cidade de São Carlos

município do estado de São Paulo. São Carlos, SP, 1976. Disponível em: <http://servico.saocarlos.sp.gov.br/consultaleis/index.php>. Acesso em: 08 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS. **Lei nº 16.824, de 21 de outubro de 2013.** Institui os prêmios “Professor João Jorge Marmorato” e “Professora Benedicta Stahl Sodré” respectivamente ao “Professor do Ano” e “Professor Emérito do Ano” ao professorado do município de São Carlos. São Carlos, SP, 2013. Disponível em: <http://servico.saocarlos.sp.gov.br/consultaleis/index.php>. Acesso em: 08 jun. 2024.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL. ESTADO DE SÃO PAULO. Juízo de Paz de Ribeirão Bonito. **Registro de Nascimento:** Guilhermina Stahl Justificante. Benedicta Stahl Justificada. Registro em: 3 jun. 1908.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS. ESTADO DE SÃO PAULO. Cartório do Registro Civil de Pessoas Naturaes de São Carlos. 1o Sub Distrito. **Guia de Sepultamento:** Registro de Óbito. Registro em: 23 ago. 1972.

SÁ, Elisabeth Figueiredo de. Gustavo Fernando Kuhlmann: um bandeirante na cruzada da instrução (1910-1930). **Revista de Educação Pública**, v. 18, n. 38, p. 567–584, 2012. DOI: 10.29286/rep.v18i38.399.

SÃO PAULO (Estado). Directoria Geral da Instrução Pública por ordem do Governo do Estado. **Anuario do Ensino do Estado de São Paulo.** São Paulo: Typ. Siqueira, Salles & Cia., 1910-1911. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 08 jun. 2024.

SODRÉ, Benedicta Stahl. **Cartilha Sodré.** 42ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1945.

SODRÉ, Benedicta Stahl. **Primeiras Lições Úteis.** 39ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1949.

SODRÉ, Benedicta Stahl. **Terceiro Livro Sodré.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

SODRÉ, Benedicta Stahl. **Segundo Livro Sodré.** 186ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SODRÉ, Benedicta Stahl. **Quarto Livro Sodré.** 29ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1958.

SODRÉ, Benedicta Stahl. **Cartilha Sodré.** Com orientação para o seu emprego. Remodelada por Isis Sodré Vergamini. 254ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

SODRÉ, Benedicta Stahl. **Cartilha Sodré.** 66ª edição. São Paulo: Editora Nacional, s/d.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, Dermeval.; *et. al.* (org.). **O Legado Educacional do Século XX no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. Entre a memória e o arquivo: Colégio Piracicabano 1881-1935. *In*: 9a Mostra Acadêmica UNIMEP: Ambiente e Sustentabilidade. **Anais** [...] Piracicaba, nov. 2011. Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/11mostra/7/502.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2024.

Artigo recebido em: 02-04-2024 Artigo aprovado em: 10-06-2024 Artigo publicado em: 12-06-2024